

**JOSÉ BEZERRA GOMES: REPRESENTANTE DO RN NA
LITERATURA REGIONALISTA DE 30**Kamila Costa de Lima¹Marcel Lúcio Matias Ribeiro²Maria Adamires da Silva³

Resumo: O artigo discorre sobre o romance regionalista de 30 e analisa a obra de seu representante mais significativo na literatura do Rio Grande do Norte: José Bezerra Gomes. O escritor potiguar é pouco conhecido nacionalmente, mas contribuiu de modo determinante no cenário cultural do RN. Gomes escreveu os romances: *Os brutos* (1938) e *Por que não se casa doutor?* (1944). No primeiro, retratou a sua cidade natal, Currais Novos, polo de riquezas do algodão. No segundo, abordou o cotidiano de personagem que saiu do Nordeste em busca de melhores condições de vida em Minas Gerais, porém, a realidade que encontrou não foi a esperada. Gomes analisou a seca, o retirante, a sociedade hierarquizada e a injustiça social. No referencial teórico, foram consultadas obras de Alfredo Bosi, Antonio Candido e Tarcísio Gurgel.

Palavras-chave: Romance regionalista de 30, Literatura do Rio Grande do Norte, José Bezerra Gomes, Cultura nordestina.

1. Para início de conversa: origens do regionalismo na literatura brasileira

O regionalismo na literatura brasileira tem início durante o Romantismo, quando a tendência nacionalista influenciou os escritores do período. O mesmo impulso nacionalista que promoveu o culto ao índio (indianismo) gerou em momento posterior o elogio ao sertanejo. José de Alencar, expressão máxima do indianismo na prosa, publicou os seguintes romances tidos pela crítica como sertanistas/regionalistas⁴: *O gaúcho* (1870), *O tronco do Ipê* (1871), *Til* (1872) e *O sertanejo* (1875)⁵.

¹ Aluna do terceiro período do Curso de Tecnologia em Produção Cultural do IFRN – *Campus* Natal Cidade Alta. kamilacostadelima@yahoo.com.br.

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) - *Campus* Natal Cidade Alta. marcel.matias@ifrn.edu.br.

³ Aluna do sexto período do Curso de Tecnologia em Produção Cultural do IFRN – *Campus* Natal Cidade Alta. m.adamires@yahoo.com.br.

⁴ Alguns autores traçam a distinção entre sertanismo e regionalismo: o primeiro termo se aplicaria à narrativas desenvolvidas no interior do país visando a constituição de uma identidade nacional, enquanto que o segundo visaria sobretudo a construção e defesa da identidade uma região geográfica específica.

⁵ Apenas para contextualização histórica, cabe observar que todas as obras regionalistas de José de Alencar foram publicadas nos anos 70, momento no qual o indianismo já se esgotava. Antes disso, publicou os romances indianistas *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865).

Além de Alencar, outros romancistas seguiram o caminho sertanista/regionalista: Bernardo Guimarães⁶, descrevendo paisagens do interior de Minas Gerais e Goiás em obras como *O Ermitão de Muquém* (1864) e *O garimpeiro* (1872); Visconde de Taunay, autor da famosa narrativa *Inocência* (1872), que, segundo Alfredo Bosi, pode ser considerada a expressão máxima do regionalismo romântico e realista; Franklin Távora, com seu regionalismo programático e polêmico problematiza a necessidade de contato direto com as questões descritas e lança a ideia de uma literatura nordestina, sua principal obra *O Cabeleira* (1876).

Franklin Távora criticou por meio de cartas (1871/1872) a postura literária de José de Alencar, que inicialmente dispensava a observação direta da realidade para a construção de suas narrativas. Távora, por sua postura, pode ser considerado um escritor de transição entre estética romântica e a estética realista no que se refere à narrativa de ficção. O prefácio de sua obra *O Cabeleira* é considerado o primeiro manifesto regionalista da literatura brasileira, no qual destaca a necessidade de observar a realidade circundante e realiza a defesa dos costumes do Norte (incluindo o Nordeste) como representantes do verdadeiro Brasil. Cabe assinalar que, tendo sido centro econômico do país no século XVIII, no século XIX o Nordeste estava em declínio, pois o centro econômico se deslocava para o Sul/Sudeste principalmente por causa da cultura agrícola do café. Dentro de sua perspectiva programática para a “Literatura do Norte”, Távora escreveu três romances, mas não foi bem sucedido, sua tentativa é considerada frustrada.

No período realista/naturalista, algumas obras de caráter regionalista também foram produzidas com relativo destaque, deixando de lado o domínio do traço romântico imaginativo e acentuando a característica do apego à observação da realidade. Sobre a temática seca, destacam-se as narrativas *Luzia-Homem* (1903), de Domingos Olímpio; *A fome* (1890) e *Os brilhantes* (1895), de Rodolfo Teófilo. Apesar de escrito em 1891, o romance *Dona Guidinha do Poço*, de Oliveira Paiva, só veio a ser publicado em 1951, mas apresenta um registro importante da literatura regionalista do século XIX.

Há outros nomes que podem ser considerados expoentes da literatura regionalista do final do século XIX e início do século XX, transição do Realismo para o Modernismo: Afonso Arinos (sertão mineiro), Valdomiro Silveira (interior paulista,

⁶ Bernardo Guimarães escreveu também os sucessos folhetinescos *O seminarista* (1872) e *A escrava Isaura* (1875).

imagem do caipira), Simões Lopes Neto (interior do Rio Grande do Sul) e Hugo de Carvalho Ramos (tropicais goianos), Monteiro Lobato (interior paulista, Vale do Paraíba, contista, *Urupês*, *Cidades mortas* e *Negrinha*). O gênero conto ganha muito espaço nesse período e se sobrepõe ao romance no que se refere às narrativas regionalistas.

Um destaque especial para a obra *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, que relata a famosa Guerra de Canudos no interior da Bahia e observa características peculiares do sertanejo nordestino, como a religiosidade e a coragem para a luta.

2. O romance regionalista de 30: a explosão Nordeste

De acordo com o tradicional esquema histórico da literatura brasileira, o romance regionalista de 30 está situado na segunda fase modernista, momento no qual os escritores, após o questionamento formal realizado na primeira etapa do movimento, começaram a se voltar para o debate acerca dos problemas sociais e econômicos do país. Então aconteceu o “milagre nordestino”: escritores dos diferentes estados da região constituíram uma estética literária voltada para a realidade do Nordeste. Ainda hoje muitos críticos consideram esse período como a mais importante realização da prosa de ficção brasileira.

As obras que iniciaram a tendência estética do regionalismo nordestino foram: *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, e *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Segundo os críticos Antonio Candido e José Aderaldo Castello: “Ambos [*A bagaceira* e *O quinze*] possuíam um cunho regional e social, voltando-se para problemas como a condição e os costumes do trabalhador rural, a seca, a miséria”. Somando-se a essas obras, ocorreu durante os anos 30 um verdadeiro surto de romances discorrendo sobre a região. Autores com estilos diversos conseguiam manter uma unidade temática e um diálogo formal. Para citar os nomes mais conhecidos: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado.

O historiador Nelson Werneck Sodré considera que o romance nordestino de 30 foi o responsável pela formação de um público leitor para a literatura brasileira. Evidente que, além da qualidade da produção literária do período, outros fatores históricos contribuíram para esse fato, a ascensão da burguesia, a formação de um mercado editorial com iniciativas como a fundação da Editora José Olympio em 1932, dentre outros. No entanto, a força do romance de 30 permanece viva e ainda hoje é percebida pelos leitores e por autores que receberam a influência direta dos escritos do

período. No quesito influência, a ficção nordestina alterou inclusive a lógica colonizada da influência “de fora para dentro”, pois foi capaz de inspirar autores europeus, como José Saramago, e africanos, como Mia Couto e José Eduardo Agualusa.

Assim, cabe conversar um pouco de modo mais específico e também dialogar sobre o escritor norte-rio-grandense que se inseriu nas discussões e na estética do romance regionalista de 30, José Bezerra Gomes.

3. José Bezerra Gomes e sua obra *Os brutos*

Considerado um dos escritores mais relevantes da produção literária em prosa no Rio Grande do Norte, José Bezerra Gomes, ou “Seu Gomes” como era chamado pelos seus amigos, é um escritor pouco conhecido pelo público. Nasceu em Currais Novos, onde fez o primário no grupo escolar Capitão-mor Galvão. Em Natal, cursou o ginásio no Ateneu Norte-rio-grandense. Bacharelou-se, em 1963, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em Currais, em 1941, candidatou-se e foi eleito vereador da câmara municipal, instituindo a Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Currais Novos. Foi o primeiro diretor e organizador do referido órgão. Participou, ainda, da elaboração do Estatuto do Centro Esportivo Currais-novense, e foi seu diretor durante dez anos. Essas foram algumas informações biográficas sobre o autor para auxiliar a compreensão da criação literária deste.

José Bezerra Gomes foi um escritor talentoso, mas sua obra foi comprometida pelo avanço da doença mental que o acometeu desde ainda jovem. Mesmo assim, publicou três grandes romances: *Os brutos* (1938); *Por que não se casa doutor?* (1944); e *A porta e o vento* (1974). Seguidor assumido do romance regionalista, José Bezerra retrata em suas obras a seca, o retirante, a memória da sociedade hierarquizada e da injustiça social. No país, o ciclo de romances regionalistas revelou autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

Em seu livro de estreia *Os brutos*, José Bezerra Gomes retrata a região do Seridó, a sua cidade natal Currais Novos, que era um polo de riquezas de algodão, o chamado ouro branco do sertão. O romance *Os brutos* tem 25 capítulos que, embora sejam fragmentados e descontínuos, possibilitam o estabelecimento de uma sequência narrativa para a história, não inviabilizando a compreensão do leitor.

Sigismundo, narrador-personagem, inicia o enredo em Currais Novos, logo depois descreve a chegada de Seu Tota a essa cidade, um senhor rico que comprava o

algodão por um preço baixo, era o único homem que tinha um carro na cidade com motorista, o mulhengo Jesus. Depois introduz a história de personagens como o seu tio Lívio, que vivia com a prostituta Rica. Após isso, Sigismundo mostra a residência dos seus tios Abdias e Maria e do primo Aldair, que era criado com muita rigidez diferente do personagem protagonista. A narrativa deixa perceptível o tempo todo a insatisfação dos tios com a estada de Sigismundo em sua casa.

Em um determinado momento, o narrador traz de volta à história o tio Lívio. Desta vez, o personagem vem para se instalar na casa de Abdias para tratar-se de doença. A partir daí começa a história de amizade entre o tio Lívio e o sobrinho Sigismundo, que acaba quando o garoto se assusta com a doença do tio. Tempos depois, Lívio, com ciúmes de Rica, assassina-a com suspeita de traição, é preso e enlouquece na prisão.

Uma nova fase do romance é iniciada quando Sigismundo volta para junto dos pais no Alívio, sítio dos seus pais, onde por influência do morador Cicero Cacheado tem sua primeira experiência sexual. No final do livro, o autor não dá por acabado o enredo e a narrativa “termina” de modo aberto, sem o ponto final dos textos mais lineares e tradicionais.

Em *Os brutos*, podemos ressaltar a diferença entre o tratamento de Sigismundo e seu primo Aldair. Ao chegar à casa de seus tios Abdias e Maria, vemos o modo como ele é tratado, bem diferente da maneira como os tios tratam o seu primo Aldair, o único filho da sua tia Maria, que o criava diferente de todos os meninos da cidade, sentado em uma cadeira na sala passava o dia inteiro lendo em voz alta. Apanhava por qualquer coisa, bastava não fazer a lição de casa ou chamarem e ele não responder, vivia prisioneiro de sua mãe. Já Sigismundo podia sair e chegar a hora em que quisesse que iria encontrar a porta da casa aberta, podia sair para brincar com os garotos na rua, mas na narrativa podemos ver o porquê que Aldair era tratado diferente de Sigismundo, porque sua tia não queria criar o filho de outra pessoa, para ela seu sobrinho era um intruso que morava na sua casa.

Apesar de pouco citado na narrativa, Seu Tota Alves é uma personagem interessante, um senhor ambicioso que, segundo os relatos dos moradores da cidade, ficou rico após uma viagem que fez e um comerciante que viajava junto a ele morreu, e ele trocou a sua mala pela a do comerciante que estava cheia de dinheiro. De Natal foi para Currais Novos e lá começou a comprar algodão às pessoas e a vender pelo preço muito alto, na cidade mal tinha contato com as pessoas, só saía de casa para ir ao Banco

em Natal e quando chegava se enfiava dentro do sobrado onde morava, não era casado, só morava com ele uma mulata chamada Ana Felímina, que era como se fosse a dona da casa, não gastava com nada, só existia para comprar algodão e guardar o dinheiro.

Sobre o foco narrativo do romance, devemos destacar um aspecto interessantíssimo: apesar de ser escrito predominantemente na primeira pessoa, com a voz de Sigismundo contando a história, alguns capítulos são narrados em terceira pessoa. Isso faz com que o romance possua dois focos narrativos, uma inovação um tanto quanto ousada. Ainda hoje é comum que uma narrativa possua um único foco narrativo. Mas, ao escolher esta maneira para contar sua história, José Bezerra Gomes, conseguiu dinamizar o seu texto, pois, se o narrador em primeira pessoa transmite subjetividade e proximidade com o leitor, o narrador em terceira pessoa possibilita distanciamento e análise dos fatos que acontecem no romance. Assim, o leitor tem sua visão ampliada, pois possui esses dois ângulos, um mais parcial e outro mais imparcial e impessoal, para compreender o texto e chegar a sua conclusão.

José Bezerra Gomes, ao colocar o título de sua obra *Os brutos*, ressalta a “brutalidade” dos seus personagens, podemos citar como exemplo dessa brutalidade a parte em que Lívio mata Rica por ciúmes; também podemos citar seu Tota, um senhor ambicioso, tia Maria com seu egoísmo, a prostituição das mulheres da casa de baixo, a iniciação precoce da vida sexual do garoto Sigismundo. Quanto ao nome Sigismundo (Segue mundo) retrata bem a realidade de um retirante que nunca se fixa em um lugar só e está sempre procurando melhoria de vida em outra cidade. Portanto, ao analisar o título do livro *Os brutos*, foi possível perceber que o autor não só se refere à brutalidade dos personagens da narrativa, mas a nós mesmos que somos preconceituosos, egoístas, que só pensamos de modo individual e esquecemos de observar a condição do outro.

4. O romance “Por que não se casa, Doutor?” sob o olhar da nova geração

O escritor José Bezerra Gomes (1911-1982) nasceu no município de Currais Novos, interior do Rio Grande do Norte. Passou sua infância no Seridó e juventude em Natal, formou-se em 1936 na Universidade Federal de Minas Gerais em Ciências Jurídicas e Sociais. Autor de três romances regionalistas, *Os brutos* (1938), *Por que não se casa, Doutor?* (1944) e *A porta e o vento* (1974).

Por que não se casa, Doutor? retrata a vida de Flávio de Oliveira, mais popularmente conhecido como o Doutor, formado em advocacia pela Universidade de Minas Gerais, um homem com mais de quarenta anos, ainda solteiro morando em uma

pensão pobre. O Doutor saiu de interior localizado na região Norte e foi para a cidade grande em busca de estudo, situação imposta pelo pai que queria que o filho se tornasse um advogado. Com o falecimento do pai, Flávio se viu em uma crise existencial, tinha feito o curso a pedido dele e agora, com o pai morto, não tinha mais o interesse naquela profissão; assim, culpava a morte paterna pela vida solitária que levava.

O Doutor passa então a viver em um mundo só dele, um mundo de sonhos e fantasias e momentos que se realizam somente na sua cabeça. O que pode ser constatado em seu amor por Magda, uma cantora argentina de um clube ao qual ele frequentava. Um amor platônico que ele alimentava todas as vezes que a via, imaginava de passeios a casamentos, totalmente perdido em seus sonhos, acreditando que a cantora sentia o mesmo por ele. Porém, sofre grande desilusão ao saber que seu amigo Lucilo era quem gozava do amor dela, uma tristeza muito forte o Doutor sentiu, apesar de que todo aquele amor que ele cultivou pela cantora era apenas uma ilusão que nunca existiu na realidade.

Por ser inteligente, o Doutor sabia na teoria como fazer para melhorar sua vida, porém era incapaz de fazer uma ação prática para mudar a sua realidade. Ele passa desde os primeiros capítulos ao último bebendo, chorando o amor de mulheres que se foram, a sua incapacidade no trabalho e de ver a sua vida ficando para trás enquanto os seus amigos de faculdade crescem na vida. Descrever esse dia a dia é o enredo do livro do começo ao fim, repetidas vezes.

A narração do livro é feita por ele mesmo tratando-se assim de um narrador-protagonista, ele conta a sua história e a história dos muitos personagens que existem ao seu redor, muitos até, em minha opinião, desnecessários já que o narrador somente conta a trajetória de vida dele, passo a passo, inúmeras vezes, tornando assim o enredo cansativo, alguns personagens até dialogam com o Doutor, mas é de modo muito superficial. Tenho a impressão de que se tirassem todos os personagens “desnecessários”, não faria tanta diferença no andamento do livro, já que o livro trata da covardia, do medo, e da insegurança do Doutor e isso seria totalmente perceptível sem precisar usar tantas comparações.

Todo o enredo nos mostra, na verdade, a resposta para a pergunta do título do livro *Por que não se casa, Doutor?*, ele não se casa porque é um fraco, tem medo de encarar os seus medos e já se acomodou na sua vidinha cotidiana, ou seja, tem receio de sair da sua zona de conforto e mudar o que já foi “estabelecido” pela vida.

Outro ponto negativo do livro é a quebra da narração, pois esta se torna muito aberta, como se fosse uma narração televisiva, com cortes muitos bruscos, exigindo do leitor total atenção à obra, ele utiliza isso justamente narrando a vida dos personagens “desnecessários”, ou seja, a leitura fica até certo ponto saturada, já que a maior parte do livro é dedicada a mostrar a vida dos outros e não do personagem principal, são cortes que de repente remetem à infância de um primo distante que fez tal coisa que não tem nada a ver com o que a personagem vive atualmente ou que teve alguma consequência na infância., O que pode tornar o livro um pouco mais interessante é a dúvida que existe se o personagem Doutor é José Bezerra Gomes, se o seu personagem conta um pouco como foi a sua vida em Minas Gerais, como um diário, oscilando entre a realidade e a ficção, sem nunca sabermos qual é qual, contudo isso descaracteriza um pouco o livro já que o que é mais interessante é saber da vida do autor inserida na obra e não da obra em si.

Portanto, compreendo a obra desta forma: pelo excesso de detalhes que há nela, algo que não gosto. Acredito que seja pelo fato de pertencer a uma “geração tecnológica” em que tudo tem de ser resolvido rapidamente, com movimentação, agilidade, ações contínuas que sejam capaz de me prender à história, sem ser muito detalhista. Tudo tem que ser muito ágil e envolvente, surpresas e reviravoltas têm sempre que acontecer, o que pode ser até um problema para a literatura brasileira aos olhos dos nossos jovens de hoje, já que muitos livros da nossa cultura são repletos de detalhes e os jovens contemporâneos são aqueles “sem paciência” que possivelmente não parariam para ler obras tão detalhistas.

5. Considerações finais

Os objetivos do presente trabalho foram: discorrer sobre o regionalismo literário de 30 e analisar duas obras do escritor potiguar José Bezerra Gomes. No primeiro momento foi feito um panorama de como surgiu o regionalismo na literatura brasileira, abordando alguns autores que se destacaram antes da década de 30. Posteriormente, relatou-se a explosão que foi o romance regionalista de 30 no nordeste a partir da obra de autores como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

Nos momentos seguintes do artigo, analisou-se a obra de José Bezerra Gomes, escritor potiguar que retratou a realidade dos nordestinos na década de 30 e 40 do século passado em seus romances *Os brutos e Por que não se casa, Doutor?* Na primeira obra, o escritor descreveu cuidadosamente a paisagem social em torno do ciclo econômico do

algodão na região do Seridó do Rio Grande do Norte. Na segunda obra, espécie de continuidade da primeira, Gomes abordou a figura nordestino fora de seu espaço geográfico, buscando a vida na cidade grande do sudeste, numa narrativa permeada por decepções e desencontros.

Diante da análise das duas obras, percebe-se que Gomes consegue dialogar com as características formais e conteudísticas do romance de 30, tornando-se o representante mais significativo dessa tendência na literatura potiguar.

Cabe assinalar que este artigo revela um momento inicial da pesquisa sobre a obra de José Bezerra Gomes. Com o desenvolvimento da pesquisa, pretende-se estudar o terceiro romance de Gomes, *A porta e o vento* (1974), e aprofundar os conceitos utilizados nos romances escolhidos para análise no artigo.

Referências

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. 2. ed., Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 1999.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 41. ed., São Paulo: Cultrix, 2003.
- CANDIDO, Antonio. Introdução. In: _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 11. ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: Modernismo, história e antologia*. 15. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- GOMES, José Bezerra. *Obras reunidas: romances*. Natal: EDUFRN, 1998.
- GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.
- NUNES, Vilma da Silva. *Os brutos: escrituras de um escritor de província*. Artigo. Revista Faculdade do Seridó, v.1, Jan/Jun, 2006.
- ONOFRE JR, Manoel. *Salvados: livros e autores norte-rio-grandenses*. Natal: Sebo Vermelho, 2014.
- ONOFRE JR, Manoel. *Ficcionistas potiguares: biografia e crítica*. Natal: Edição do Autor, 2010.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 10. ed., Rio de Janeiro: Graphia, 2002.